

Crianças filhas de pais alcoólicos: prevenção de comportamentos de risco

Ana Isabel Mateus da Silva¹

Resumo

As crianças filhas de pais alcoólicos têm sido referidas como tendo maior predisposição ao desenvolvimento de problemas emocionais e comportamentais. Este estudo teve como objetivo principal avaliar comparativamente crianças filhas de pais alcoólicos e crianças filhas de pais não alcoólicos. A amostra foi de 20 crianças, filhas de pais alcoólicos e 20 crianças, filhas de pais não alcoólicos, com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos, a frequentar o jardim de infância. Cada grupo foi formado por 10 meninos e 10 meninas. Utilizamos os seguintes instrumentos: entrevista semiestruturada, observação participante, teste desenho da figura humana e escala comportamental infantil A2 de Rutter. Na análise dos resultados, as crianças filhas de pais alcoólicos apresentaram diferenças estatisticamente significativas no aspeto emocional e comportamental, nomeadamente, revelaram: maior timidez, insegurança e baixa autoestima. Segundo a opinião das mães, as crianças filhas de pais alcoólicos são mais impacientes, mais irritadas, mais agitadas, mais desobedientes e revelam maior dependência. As meninas filhas de pais alcoólicos apresentaram mais problemas emocionais e de comportamento que as

¹ Doutorada em Psicologia. Professora e Investigadora do CEMRI, Universidade Aberta, Lisboa. E-mail: anizabel063@gmail.com

meninas filhas de não alcoólicos. Neste trabalho, as meninas revelaram-se com maior grau de vulnerabilidades que os meninos nos domínios emocional e comportamental.

Palavras-chave: Crianças. Alcoólicos. Pais.

Abstract

The children of alcoholic parents have been reported to have greater predisposition to develop emotional and behavioral problems. The present study aimed to comparatively evaluate children of alcoholics and children of without alcohol. The sample of 20 children of alcoholics and 20 children of without alcohol aged 8 and 9 years, attending primary school. Each group consisted of 10 boys and 10 girls. We use segments instruments; Human Figure Drawing Test and Behavioural Scale Rutter. In analysing the results, children of without alcohol as showed statistically significant differences in emotional and behavioural aspects. They showed shyness, insecurity and low self-esteem. According to the mothers, showed impatience, irritation, restlessness, disobedience and dependence. Girls whose parents are alcoholics showed more emotional and behavioural problems than girls daughters of non-alcoholics. In this work the girls have proved more vulnerable than boys on emotional and behavioural domains.

Keywords: Children. Alcoholics. Parents.

Introdução

O indivíduo nunca poderá ser considerado fora do seu contexto ambiental, não pode existir fora dele, sem uma rede mais ou menos coordenada de interações. Por isso, não poderemos apenas nos fixar nos aspetos relacionados com o nascimento de uma criança, nas suas competências, no seu desenvolvimento, nos fatores biológicos que a influenciaram. Há que olhar, também, para os fatores sociais e culturais que a rodeiam, influenciam e lhe vão servir de suporte.

Dos fatores sociais, o primeiro, o fundamental e mais determinante é a família e as experiências de interação que se desenvolvem no seu interior. Para a criança, a experiência de interação começa com o nascimento; a mãe, como iniciadora e a sua principal responsável, tem sido considerada como a fonte de informação mais importante, nas abordagens do contexto social sobre o seu desenvolvimento.

Qualquer que seja o tipo de parentalidade que a caracteriza e a sua dimensão, a família representa o meio mais significativo para a criança, pelas suas atitudes, pelas práticas, pelos valores educativos, pela grande influência sobre o seu desenvolvimento a todos os níveis.

Cada cultura tem um modo de educar as suas crianças para que mais tarde possam constituir as bases da sociedade, isto é, obter empregos e constituir famílias. E dentro de cada cultura existem vários estilos educativos e uma heterogeneidade no sistema de valores, de crenças, de costumes, de práticas culturais ligadas às várias camadas sociais.

A literatura internacional tem apontado as dificuldades emocionais e comportamentais das crianças que convivem com pais alcoólicos, afirmando, ainda, que estas têm probabilidades

de desenvolverem dependência química na adolescência ou na fase adulta e/ou podem apresentar alguns comportamentos de risco, como iniciação sexual precoce, gravidez na adolescência, envolvimento com problemas de aprendizagem e legais.

A presente pesquisa tem como objetivo verificar as características emocionais, cognitivas e comportamentais de crianças filhas de pais alcoólicos comparadas com crianças filhas de pais não alcoólicos, realizando uma avaliação emocional, cognitiva e comportamental. A interpretação dos dados foi realizada de acordo com a teoria do desenvolvimento infantil, uma vez que esse referencial teórico pode despertar a importância da prevenção, a qual pode contribuir para diminuir os efeitos negativos do alcoolismo na vida dessas crianças e, futuramente, apontar estratégias de promoção da saúde mental.

A prevenção primária deve incidir em todas as crianças que apresentam qualquer alteração, no entanto, a pertinência aumenta consideravelmente nas crianças filhas de pais alcoólicos. Facilmente, nesses casos, surgem perturbações na relação da família com a criança.

Alcoolismo

O alcoolismo foi incluído, em 1952, no Manual de Diagnóstico e Estatístico das Desordens Mentais (DSM-I) da associação Psiquiátrica Americana (APA). Em 1970, Edwards e Gross propuseram o conceito de Síndrome de dependência do álcool, a qual passou a ser definida como um conjunto de sintomas e sinais decorrentes do uso disfuncional da substância. De acordo com esse conceito, a sua etiologia e perpetuação seriam

decorrentes de aspetos físicos, psicológicos e sociais, de intensidade variável em cada indivíduo (EDWARDS; GROSS, 1976).

A Organização Mundial de Saúde adotou, em 1977, a definição da dependência de álcool como uma síndrome com um contínuo de gravidade e publicou um relatório no qual diferencia essa desordem em duas categorias: o abuso e a dependência. O reconhecimento dessa diferença também está presente na DSM-III R (1980), tanto em relação ao álcool, como para outras substâncias psicoativas.

Nas versões mais recentes, de acordo com Anthony et al. (1991), a dependência de outras drogas, estimulantes ou perturbadoras do Sistema Nervoso Central, passou a ter uma descrição mais detalhada. O aumento do consumo de drogas a partir dos anos 1960 provocou um aumento das pesquisas sobre os seus mecanismos de ação e propostas para tratamento da dependência.

Segundo Jaffe (1993), o uso abusivo do álcool sofre impreterivelmente interferências culturais, sociais, religiosas, políticas e, atualmente, científicas, de cada população e, apesar dessa multifatorialidade da síndrome de dependência, ainda hoje, em muitos países, como, por exemplo, na Nigéria, os problemas decorrentes do uso do álcool são considerados influência de “espíritos do mal” no indivíduo.

De acordo com Moraes et al. (2006), a etiologia e as consequências da síndrome da dependência estão relacionadas aos problemas de ordem biopsicossocial, como o sofrimento e complicações físicas e mentais, desemprego, violência e criminalidade, mortalidade, morbidade, entre outros, decorrentes do abuso e/ou dependência alcoólica, que afetam tanto o próprio usuário como os seus familiares.

Basicamente, existem duas vertentes nas pesquisas realizadas sobre o alcoolismo: aquela que procura identificar as causas que levam um adolescente ou adulto a fazer uso do álcool e aquela que investiga os prejuízos decorrentes do alcoolismo, para o alcoólico, mulher, filhos e familiares.

Em relação às pesquisas que demonstram que o comportamento do progenitor alcoólatra afeta o filho, a grande maioria foi realizado em instituições fora do país. Ajuriaguerra e Marcelli (1986) apontam a doença mental de um dos pais, o alcoolismo parental, por exemplo, como um fator de risco que pode trazer prejuízos para o desenvolvimento infantil.

Nesse sentido, os Açores são produtores de vinhos e licores, existindo 14 marcas oficialmente reconhecidas: oito marcas de vinhos brancos, quatro de tintos e três de licores. De acordo com Peixoto (2010), nos Açores, existem 131.760 indivíduos consumidores regulares de álcool, sendo difícil saber quantos são os alcoólicos, porque o conceito de dependente de álcool é complexo, porque, além dos considerados doentes, existe todo um conjunto de consumidores ocasionais que abusam do álcool nomeadamente aos fins de semana, desencadeando problemas gravíssimos ao nível da sinistralidade.

Ao precisar a regularidade e gravidade do consumo de bebidas alcoólicas, no universo de consumidores, constata-se que 16,9% consomem todos os dias, correspondendo a 21.950 açorianos. O consumo semanal é praticado por 14,3% dos consumidores, ou seja, 18.260 açorianos, e o consumo ocasional é efetuado por 68,8% dos indivíduos, equivalendo a um grupo de 89.238 açorianos (PEIXOTO, 2010, p. 87).

De acordo com o mesmo autor, são os homens os principais consumidores, ao apresentarem um agrupamento de 70% dos inquiridos, enquanto 30% dos consumidores são mulheres. Em termos médios nos Açores, 11,6% dos consumidores começam entre os 15 e 20 anos. O início do consumo do álcool é influenciado pelos amigos/colegas e também por familiares.

Características psicológicas de filhos de pais alcoólicos

Atualmente, muitos estudos têm sido realizados na área da saúde mental, com crianças que estão expostas a situações estressantes, com objetivo de identificar os fatores de risco que mais provavelmente estão associados às desordens mentais infantis, lembrando, ainda, que tais problemas psicológicos podem repercutir outras consequências negativas para a sua vida futura.

Muitas são as situações que têm sido referidas pelos pesquisadores como prejudiciais para a saúde mental infantil. O alcoolismo parental é considerado um fator familiar de risco para o desenvolvimento de crianças que apresentam cuidados nesse contexto. Alguns estudos têm mostrado que os filhos de alcoólicos mostram-se em desvantagem, quando comparados com filhos de não alcoólicos numa série de domínios, nomeadamente: déficit cognitivo, autoestima baixa, dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamento, dificuldades emocionais e de relacionamento (MYLANT et al, 2002).

Segundo Black (1982), as crianças filhas de pais alcoólicos crescem vendo os adultos como insensíveis e descuidados, pois, geralmente, eles não se encontram disponíveis quando elas

precisam de ajuda. Nesse sentido, Deutsch (1982) aponta algumas características psicológicas de filhos de alcoólicos, como timidez, insegurança, medo, raiva, ódio e culpa, as quais podem predispor-los a dificuldades de relacionamento.

Mylant et al. (2002) delinearão um estudo a partir da seguinte questão: ter pais alcoólicos pode ser um fator de risco para que os adolescentes apresentem problemas de comportamento? Foram avaliados 1632 estudantes do estado de Wyoming que apresentavam comportamento de risco, tais como uso de drogas e álcool e iniciação sexual precoce. Utilizaram questionários que analisaram questões psicossociais (coesão na família, avaliação de autoestima, grau de escolaridade e vínculo com a escola, adaptação familiar) e atitudes, comportamentos e sentimentos de alto risco (temperamento negativo, sentimentos, pensamentos e comportamentos autodirigidos, uso de drogas e comportamento sexual precoce).

Os resultados revelaram que adolescentes filhos de pais alcoólicos apresentaram baixos níveis em todos os fatores psicossociais, familiares, vínculos escolares e pessoais, e níveis significativamente altos em todos os fatores de temperamento, sentimentos, pensamentos e comportamentos de alto risco. Essa amplitude de comportamento de risco pode mostrar que filhos de alcoólicos são mais vulneráveis para comportamentos violentos, acidentes, depressão, suicídio, distúrbios alimentares, dependência química e gravidez na adolescência.

Mulder (2002) analisou os estudos que relacionaram alcoolismo e personalidade e concluiu que comportamento antissocial e hiperatividade são os comportamentos mais diretamente associados com o alcoolismo. Porém, lembra que esses comportamentos não são específicos para o alcoolismo, estão associados com muitas outras distúrbios do foro psiquiátrico.

Variáveis da personalidade explicam somente uma pequena parcela do risco para dependência de álcool. É prematuro associar variáveis da personalidade ao alcoolismo.

Vários estudos descritos sugerem que o alcoolismo dos pais pode aumentar o risco das crianças experimentarem outros stressores, os quais direcionam consequências negativas para o desenvolvimento infantil. Crianças com mais fatores de risco são mais prováveis de experimentar distúrbios psicológicos, pois os fatores podem ser potencializados a partir da combinação de vários fatores, resultando em muito maior risco do que em uma amostra na qual os fatores são menores (RUTTER, 1980).

As pesquisas citadas revelaram que crianças que cresceram nas famílias de pais alcoólicos têm maior probabilidade de apresentarem dificuldades psicológicas, problemas interpessoais, comportamentais e baixo rendimento escolar do que as crianças cujos pais não são alcoólicos.

Método

Participantes

Participaram deste estudo um grupo de 40 crianças, com idades cronológicas entre 4 e 6 anos, a frequentar o jardim de infância e respectivos pais. O grupo de crianças compreende 10 meninas e 10 meninos, todos filhos de pais alcoólicos, e 10 meninas e 10 meninos, filhos de pais não alcoólicos, frequentando a Escola Básica do Rossio – Capelas, São Miguel e Açores.

Colocada a questão de partida – existem diferenças nas características emocionais, cognitivas e comportamentais de crianças filhas de pais alcoólicos e pais não alcoólicos?

– e formulado o objeto de estudo – verificar as características emocionais, cognitivas e comportamentais de crianças filhas de pais alcoólicos comparados com crianças filhas de pais não alcoólicos –, realizando uma avaliação emocional, cognitiva e comportamental, fizemos um estudo de caso qualitativo, pois centramos a investigação do fenômeno no seu próprio contexto, dando importância aos processos, à compreensão e à interpretação (CARMO; FERREIRA, 1998).

Procedimento

Começamos por fazer um estudo exploratório, no sentido de uma primeira abordagem com o Conselho Executivo, em que apresentamos oralmente, de uma forma sucinta, o projeto que pretendíamos realizar. Sentimos uma grande abertura e entusiasmo, o que nos levou a marcar entrevistas com os pais das crianças. Apesar de termos um bom contato com a escola mencionada, optamos por apresentar o nosso projeto, para termos a garantia da realização do nosso trabalho e para envolver a própria escola.

Recolha de dados

Todos os dados foram colhidos entre outubro de 2010 e junho de 2011, no âmbito do projeto de intervenção na escola, e permanecemos nessa instituição de ensino uma tarde por semana, durante o tempo letivo.

Quanto aos instrumentos de colheita de dados, foram utilizados os seguintes:

- entrevista semiestruturada;
- observação participante;
- teste do desenho da figura humana;
- escala comportamental infantil A2 de Rutter.

Apresentação dos resultados

Foram avaliadas 40 crianças, com idades compreendidas entre os 4 e 6 anos, as quais encontravam-se a frequentar o jardim de infância. Elas foram divididas em dois grupos: FA (crianças filhas de pais alcoólicos) e FNA (crianças filhas de pais não alcoólicos).

Para a composição dos dois grupos, tomamos como base as seguintes características: idade, sexo e escolaridade. Comparamos a idade dos pais e das mães utilizando o teste U Mann Witney. Este teste é um teste não-paramétrico para comparar as médias de duas amostras independentes. O único pressuposto exigido para a aplicação do teste M-W-W é que as duas amostras sejam independentes e aleatórias, e que as variáveis em análise sejam numéricas ou ordinais.

Os resultados mostraram que não houve diferenças significativas entre os grupos, nem dos meninos, nem das meninas, bem como para os filhos de pais alcoólicos (FA) e filhos de não alcoólicos (FNA).

Quanto à escolaridade, os pais e as mães dos meninos FNA apresentam nível superior, enquanto os pais e as mães dos meninos FA não apresentam. Para as meninas, não houve diferenças significativas em nível de escolaridade dos pais.

Em relação ao estado civil dos pais, consideramos a presença do pai na família, independentemente do estado civil em que os casais se encontram. Eles foram divididos em dois grupos para análises estatísticas por meio do teste de Fisher, considerando os pais que vivem juntos (casados e união de fato) e pais separados. Os resultados não apontaram diferenças estatísticas significativas no que diz respeito à presença do pai na família.

No que diz respeito ao emprego dos pais, fizemos a divisão em três categorias – desempregado, independente e empregado. Para as mães, foi introduzido mais uma categoria – doméstica. Consideramos independentes os profissionais que assumem trabalhos de maneira esporádica. Os que possuíam negócios próprios foram considerados como empregados.

Os resultados mostraram que os pais de FA têm mais empregos como independentes (sendo 16 independentes, 2 empregados e 2 desempregados), enquanto os pais de FNA apresentam-se mais empregados (16 empregados e 8 independentes). Quanto às mães do grupo FA, tanto dos meninos como das meninas, a maioria não trabalha fora (11 mães), algumas estavam desempregadas na ocasião (3 mães) e, das que trabalhavam, 3 possuíam emprego e 3 eram independentes.

Em relação à história familiar de alcoolismo, consideramos uma história familiar positiva aquela família que apresentasse pelo menos um parente de primeiro ou segundo grau que tivesse história de internamento psiquiátrico devido a alcoolismo.

Os dados referentes à história familiar de alcoolismo das mães e dos pais são apresentados nos Quadros 1 e 2, respetivamente.

Mães	Sexo feminino		Sexo masculino	
	FA	FNA	FA	FNA
1	Pai	Não	Pai	Não
2	Pai	Pai e irmão	Pai e irmão	Não
3	Não	Não	Não	Não
4	Pai e irmão	Não	Avô, pai e sobrinho	Não
5	Irmão	Não	Pai e irmã	Não
6	Não	Não	Pai e irmão	Pai e irmão
7	Pai	Não	Pai e 3 irmãos dos 4	Não
8	Pai	Não	Não	Não
9	Pai e irmão	Pai, irmão e mãe	Pai e irmão	Não
10	Pai	Não	Pai	Não

Quadro 1 – História de alcoolismo familiar das mães das crianças.

Fonte: Pesquisa de Campo.

Podemos verificar, se considerarmos o Quadro 1, que 80% das mães dos filhos de pais alcoólicos apresentam história positiva de alcoolismo e apenas 15% dos filhos de não alcoólicos revelam história positiva de alcoolismo.

Pais	Sexo feminino		Sexo masculino	
	FA	FNA	FA	FNA
1	Pai	Pai	Pai, mãe e irmão	Não
2	Pai e irmão	Pai e irmão	Pai e irmão	Não
3	Pai	Não	Pai e irmão	Não
4	Pai e irmão	Não	Pai e irmão	Não
5	Pai	Não	Pai	Irmão
6	Não	Não	Pai e irmão	Avós e tios
7	Pai, tios e irmão	Não	Pai e irmãos	Irmãos
8	Pai, tios e irmão	Não	Pai	Não
9	Pai, tios e irmão	Não	Pai e irmão	Irmão
10	Pai	Não	Não	Irmão

Quadro 2 – História de alcoolismo familiar dos pais das crianças.

Fonte: Pesquisa de Campo.

Os resultados relativos à história familiar para alcoolismo na família dos pais das crianças revelam, no Quadro 2, que 90% dos pais alcoólicos apresentavam história familiar positiva para o alcoolismo, sendo só uma família do grupo dos meninos de alcoólicos com história familiar negativa. Para os pais não alcoólicos, 35% mostraram história familiar positiva para alcoolismo. Seguidamente, apresentamos os resultados do teste do desenho da figura humana.

Os scores obtidos na escala evolutiva do desenho da figura humana foram comparados considerando os grupos de filhos de alcoólicos (FA) e filhos de não alcoólicos (FNA). Utilizamos o

teste U de Mann-Witney, considerando-se $\alpha = 0,05$. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes, o que nos leva a dizer que as crianças não diferem quanto ao aspeto cognitivo avaliado.

A seguir são apresentadas as distribuições das crianças dos dois grupos com relação aos percentis da escala evolutiva do teste do desenho da figura humana.

Tabela 1 – Distribuição das crianças dos dois grupos nos percentis da escala evolutiva do teste do desenho da figura humana.

Percentis	FA		FNA		TOTAL	
	F	P	F	P	F	P
< 25	03	15	03	15	06	15
25 ≤ P ≤ 75	14	70	15	75	29	72
> 75	03	15	02	10	05	12
Total	20	100	20	100	40	99

Fonte: Pesquisa de Campo.

Utilizando o teste exato de Fisher e considerando-se $\alpha = 0,005$, não foram verificadas diferenças estatisticamente significantes entre os dois grupos ($p = 0,3557$), o que significa que os dois grupos se distribuíram de forma semelhante nas classificações segundo os percentis.

Em relação à avaliação da escala emocional do teste desenho da figura humana (DFH), verificou-se que o grupo de crianças filhos de alcoólicos (FA) apresentou mais sinais emocionais ($p < 0,02$).

Os dados de distribuição das crianças dos dois grupos, em relação aos percentis da escala emocional do teste do desenho da figura humana (DFH), encontram-se na Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição das crianças dos dois grupos quanto aos percentis da escala emocional do desenho da figura humana.

Percentis	FA		FNA		TOTAL	
	F	P	F	P	F	P
< 25	07	35	04	20	11	27
25 ≤ P ≤ 75	13	65	14	70	27	67
> 75	00	00	02	10	02	05
Total	20	100	20	100	40	99

Fonte: Pesquisa de Campo.

Comparando-se a distribuição das crianças dos dois grupos, por meio do teste exato de Fisher, nos extremos dos percentis, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p = 0,19231$).

Utilizando-se o teste U de Mann-Whitney, procedeu-se à comparação entre os grupos de acordo com o sexo das crianças.

Tabela 3 – Comparações dos resultados obtidos na escala emocional do teste do desenho da figura humana, segundo o agrupamento por gênero e no total.

Comparação	Feminino N1 = 10 e N2 = 10	Masculino N1 = 10 e N2 = 10	Total (N1 e N2 = 20) N1=20 e N2 = 20
FA x FNA	FA > FNA*	n.s	FA > FNA**

Legenda *p < 0,005; **p < 0,02

Fonte: Pesquisa de Campo.

Verificamos que as meninas filhas de pais alcoólicos (FA) apresentaram mais sinais emocionais que as meninas filhas de pais não alcoólicos (FNA). Em relação aos meninos, não foram encontradas diferenças significativas. Considerando-se os dois grupos (FA e FNA) como um todo, verificamos diferenças estatisticamente significativas, possivelmente, porque o resultado das meninas interferiu nos resultados como um todo.

Em relação à análise qualitativa do desenho da figura humana (DFH) dos filhos de pais alcoólicos, selecionando-se os indicadores emocionais que aparecem com uma frequência acima de cinco (25%), foram encontrados dois sinais: figura pequena e braços curtos. Considerando-se o seu significado psicológico e de acordo com Koppiz (1968), podem-se apontar as seguintes características psicológicas dessas crianças: autoestima baixa, timidez, insegurança, retraimento, sinais de depressão e dificuldades de relacionamento. Só as meninas, nos indicadores emocionais, apresentaram autoestima baixa e dificuldades de relacionamento.

Escala comportamental infantil A2 de Rutter – ECI

Os scores obtidos na escala comportamental infantil A2 de Rutter pelos sujeitos dos dois grupos, utilizando-se o teste U de Mann-Witney, considerando-se $\alpha=0,005$, revelaram que as crianças filhas de pais alcoólicos apresentaram mais problemas de comportamento, se comparadas com as crianças filhas de pais FNA.

Comparando-se os dois grupos, em relação a cada um dos três fatores da escala comportamental infantil A2 de Rutter (saúde, hábitos e afirmações comportamentais), verificamos que as crianças FA apresentaram scores mais altos nas subescalas de comportamento e de saúde. As diferenças encontradas alcançaram significância estatística, o que nos leva a dizer que as crianças FA apresentaram mais problemas de saúde e de comportamento que as crianças FNA. Podemos verificar os dados sintetizados na Tabela 4.

Tabela 4 – Escala comportamental infantil A2 de Rutter, comparação de FA e FNA – teste U de Mann-Witney.

Fatores de ECI	FA (N = 20) FNA (N020)
Problemas de saúde	FA > FNA*
Hábitos	n.s.
Afirmações de comportamento	FA > FNA**
Total	FA > FNA**

Legenda *p = 0,005; **p < 0,02

Fonte: Pesquisa de Campo.

De acordo com as mães das crianças FA, elas mostram-se mais impacientes e irrequietas, irritam-se mais rapidamente, “perdem as estribeiras”, são mais acanhadas e tímidas e mais apegadas às mães, quando comparadas às filhas FNA.

Tabela 5 – Escala comportamental infantil A2 de Rutter, (ECI) comparações entre o gênero.

Fatores de ECI	Meninos		Meninas	
	FA (N = 10)	FNA (N = 10)	FA (N = 10)	FNA (N = 10)
Problemas de saúde	n.s.		n.s.	
Hábitos	n.s.		n.s.	
Afirmação de comportamento	n.s.		FA > FNA**	
Total	FA > FNA*		FA > FNA*	

Legenda: *p < 0,025; **p < 0,001

Fonte: Pesquisa de Campo.

Na comparação entre meninos FA e meninas FNA, quanto aos fatores da escala comportamental infantil A2 de Rutter (ECI), não foram observadas diferenças estatisticamente significativas.

Para verificarmos a distribuição dos dois grupos, considerando o score de corte igual a 16 (critério para identificação de problemas comportamentais), os resultados demonstram que as crianças FA apresentam mais problemas de comportamento.

Tabela 6 – Distribuição das crianças segundo o gênero.

Crianças		< 16		≥ 16	
		F	P	F	P
Feminino	FA	04	.40	06	.60
	FNA	09	.90	01	.10
	Total	13	.65	07	.35
Masculino	FA	05	.05	05	.50
	FNA	08	.80	02	.20
	Total	13	.65	07	.35

Fonte: Pesquisa de Campo.

Os dados da tabela mostram que os meninos tendem a distribuir-se igualmente com relação aos scores de corte (teste exato de Fisher = 0,17492). As meninas FA, no entanto, tendem a apresentar scores mais elevados, indicadores de problemas comportamentais, se comparadas às meninas de FNA (teste exato de Fisher, $p = 0,002864$).

Quanto à análise das descrições comportamentais mais utilizadas pelas mães para falar dos seus filhos, foram verificadas como respostas mais frequentes, valor acima de quatro (25%), para filhos FA do sexo masculino, como: criança impaciente, irritável, agitada, agarrada à mãe e acanhada. Para os meninos filhos FNA: irritável e agarrado à mãe. Para as meninas FA: agitadas, impacientes, briguentas, irritáveis, desobedientes e agarradas à mãe. Para as meninas FNA, como: agarradas à mãe.

Quanto à indicação dos problemas, segundo a classificação da escala comportamental de Rutter, resultado igual e acima de 16, as mães do menino e da menina FA os apontaram com comportamento antissocial, ainda nesse mesmo sentido, foi apontado um menino e duas meninas com comportamentos de somatizações.

As crianças filhas de pais alcoólicos foram identificadas, pelas mães, com mais problemas de comportamento, cinco crianças com comportamentos de somatizações. Três filhos de pais não alcoólicos foram apontados com comportamentos de somatizações e um menino e uma menina com comportamento antissocial.

Tabela 7 – Respostas das mães na subescala comportamento relativos às alternativas “aplica-se com certeza”.

Subescala comportamental	Masculino		Total	Feminino		Total
	FA	FNA		FA	FNA	
1. Muito agitado, dificuldade de permanecer sentado por muito tempo	07	03	10	04	0	04
2. Criança impaciente, irrequieta	06	02	08	05	0	05
3. Muitas vezes destroem as suas próprias coisas com os outros	02	01	03	02	0	02
4. Briga frequente ou é extremamente briguento	0	0	0	04	0	04
5. Não é uma criança muito querida pelas outras	0	0	0	0	0	0
6. Fica facilmente preocupado com tudo	02	02	04	03	02	05

(continuação)

7. Tende a ser criança fechada um tanto solitária	01	0	01	0	01	01
8. Irritável. Rapidamente perde as estribeiras	04	04	08	06	01	07
9. Frequentemente a criança parece triste/angustiaada	0	0	0	0	0	0
10. Chupa frequentemente os dedos	01	0	01	0	0	0
11. Roí frequentemente as unhas ou os dedos	03	01	04	03	01	04
12. Muitas vezes é desobediente	02	02	04	05	0	05
13. Não consegue permanecer na atividade por muito tempo	03	03	06	02	0	02
14. Tem medo ou receio de coisas novas ou situações	01	01	02	02	0	02
15. Criança difícil de comportamento ou muito particular	0	0	0	03	0	03
16. Diz mentiras muitas vezes	01	0	01	02	0	02
17. Maltrata outras crianças	0	0	0	01	0	01
18. Diz palavrões	02	0	02	03	0	03
19. É uma criança muito agarrada à mãe	05	07	12	08	04	12
20. Acanhada, tímida e retraída	06	02	08	03	01	04
21. Criança insegura, não tem confiança em si	03	02	05	03	01	04

Fonte: Pesquisa de Campo.

Fomos verificar se havia associação entre os resultados das avaliações emocionais do teste do desenho da figura humana (DFH) e da escala comportamental infantil A2 de Rutter (ECI). Não encontramos associação entre os scores emocionais do teste do desenho da figura humana (DFH) e os scores da escala comportamental infantil A2 de Rutter (ECI) ($p = 0,3446$) utilizando-se o coeficiente de correlação de postos de Kendall, com um valor de $\alpha = 0,05$. O mesmo foi obtido para a associação entre os scores emocionais e o score de comportamento da escala comportamental infantil (ECI), ($p = 0,1112$).

As avaliações colhidas por meio do teste do desenho da figura humana (DFH), desenhos feitos pela própria criança e as avaliações feitas pelas mães na escala comportamental A2 de Rutter, tenderam a não estar associadas.

Fizemos uma avaliação exploratória de caso a caso, para verificar se houve convergência entre a avaliação feita pela mãe e a avaliação emocional feita por meio de análise do desenho produzido pela própria criança e encontramos os seguintes resultados: proporcionalmente, verifica-se uma menor convergência na indicação de problemas, especialmente entre filhos NA, indicando somente uma casa (5%) e cinco casos para filhos FNA, dois meninos e três meninas (25%). Na identificação de ausência de problemas de filhos FNA, houve maior convergência entre as avaliações das mães e as dos filhos. Entre filhos FA, houve ainda maior divergência entre as duas avaliações que para os filhos FNA em termos proporcionais.

Análise da observação participante

A análise da observação foi realizada tendo como variáveis o gênero. Os itens analisados foram: atividades lúdicas (tipos e objetos utilizados); comunicação não verbal (postura e gestualidade) e comunicação verbal.

Filhos de pais alcoólicos			Filhos de pais não alcoólicos	
Sujeito/ Sexo	Atividades	Brinquedos	Atividades	Brinquedos
1. Fem.	Tipo doméstico: lavar a louça e preparar a refeição	Poucos: bonecas, louças	Tipo pedagógico: jogos didáticos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros
2. Fem.	Tipo pedagógico: desenhos	Poucos: papel e lápis	Tipo doméstico: lavar a louça e preparar a refeição	Poucos: bonecas, louças
3. Fem.	Tipo agressivo: lutas	Muitos: Carros, pistolas	Tipo pedagógico: jogos didáticos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros
4. Fem.	Tipo doméstico: lavar a louça e preparar a refeição	Poucos: bonecas, louças	Tipo pedagógico: desenhos	Poucos: papel e lápis
5. Fem.	Tipo doméstico: lavar a louça e preparar a refeição	Poucos: bonecas, louças	Tipo pedagógico: jogos didáticos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros
6. Fem.	Tipo pedagógico: jogos didáticos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros	Tipo pedagógico: jogos didáticos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros

(continuação)

7. Fem.	Tipo doméstico: lavar a louça e preparar a refeição	Poucos: bonecas, louças	Tipo doméstico: lavar a louça e preparar a refeição	Poucos: bonecas, louças
8. Fem.	Tipo doméstico: lavar a louça e preparar a refeição	Poucos: bonecas, louças	Tipo pedagógico: jogos didáticos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros
9. Fem.	Tipo pedagógico: desenhos	Poucos: papel e lápis	Tipo doméstico: lavar a louça e preparar a refeição	Poucos: bonecas, louças
10. Fem.	Tipo pedagógico: desenhos	Poucos: papel e lápis	Tipo pedagógico: jogos didáticos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros
11. Mas.	Tipo agressivo: lutas	Muitos: Carros, pistolas	Tipo pedagógico: desenhos	Poucos: papel e lápis
12. Mas.	Tipo doméstico: lavar a louça e preparar a refeição	Poucos: bonecas, louças	Tipo pedagógico: jogos didáticos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros
13. Mas.	Tipo pedagógico: desenhos	Poucos: papel e lápis	Tipo pedagógico: desenhos	Poucos: papel e lápis
14. Mas.	Tipo agressivo: lutas	Muitos: Carros, pistolas	Tipo pedagógico: desenhos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros
15. Mas.	Tipo pedagógico: desenhos	Poucos: papel e lápis	Tipo pedagógico: jogos didáticos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros
16. Mas.	Tipo pedagógico: jogos didáticos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros	Tipo pedagógico: desenhos	Poucos: papel e lápis
17. Mas.	Tipo agressivo: lutas	Muitos: Carros, pistolas	Tipo pedagógico: jogos didáticos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros

(continuação)

18. Mas.	Tipo pedagógico: desenhos	Poucos: papel e lápis	Tipo pedagógico: desenhos	Poucos: papel e lápis
19. Mas.	Tipo agressivo: lutas	Muitos: Carros, pistolas	Tipo pedagógico: jogos didáticos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros
20. Mas.	Tipo pedagógico: desenhos	Poucos: papel e lápis	Tipo pedagógico: jogos didáticos	Muitos: lotos, puzzles, legos, livros

Quadro 3 – Atividades lúdicas.

Fonte: Pesquisa de Campo.

Nas atividades lúdicas, observamos diferença nas meninas filhas de pais alcoólicos: enquanto 5 apresentavam o tipo doméstico; 3 tinham tipo pedagógico: desenho; 1 tipo pedagógico: jogos didáticos e desenhos; e um tipo agressivo.

As atividades lúdicas nas meninas filhas de pais não alcoólicos foram as seguintes: 3 apresentavam o tipo doméstico; 1 tipo pedagógico: desenho; 6 o tipo pedagógico: jogos didáticos e não aparece o tipo agressivo.

Podemos concluir que não observamos diferenças nos rapazes, em relação às atividades lúdicas, enquanto nas meninas existem mais meninas filhas de pais não alcoólicos com gosto pelos jogos pedagógicos.

Na análise referente à comunicação não verbal (posturas e gestualidade), tomamos em consideração a postura geral predominante, o contato face a face, proximidade e gestualidade, ao se comunicar verbalmente.

Tabela 8 – Comunicação não verbal.

Comunicação não verbal		Masculino		Total	Feminino		Total
		FA	FNA		FA	FNA	
Postura predominante	De pé	06	03	09	06	02	08
	Sentado	02	06	08	02	06	07
	Alternado pé/sentado	02	01	03	02	02	04
Contato face a face	Afastamentos físicos momentâneos	01	08	09	02	06	08
	Afastamentos físicos frequentes	06	02	08	06	03	09
	Generalizado	03	0	03	02	01	03
Proximidade	Entre íntima, pessoal e pública (0-+3,5m)	08	02	10	08	03	11
	Entre íntima, pessoal (0-1,20m)	02	08	10	02	07	09
Gestualidade	Gesticula muito com as mãos	07	02	09	05	01	06
	Gesticula pouco com as mãos	02	04	04	04	06	10
	Gesticula de acordo com a comunicação verbal	01	04	05	01	03	04

Fonte: Pesquisa de Campo.

Comparando os filhos de alcoólicos com os dos não alcoólicos, no que diz respeito à postura, as meninas e os rapazes filhos de alcoólicos, na sua maioria (12), mantêm uma postura predominante de pé, enquanto os dos não alcoólicos, com o mesmo número, mantêm uma postura essencialmente sentada.

No contato face a face, há um afastamento físico frequente entre as meninas e os rapazes filhos de pais alcoólicos (12), enquanto que há afastamento físico momentâneos nos filhos de não alcoólicos (12).

No que diz respeito à proximidade, as crianças filhas de pais não alcoólicos aproximam-se mais do que as dos alcoólicos.

Em nível da gestualidade, há uma grande diferença entre os dois grupos: os filhos de alcoólicos gesticulam muito mais com as mãos do que os dos não alcoólicos. Assim, podemos concluir que existem diferenças na comunicação não verbal; nomeadamente postura, o contato físico é muito menor nos filhos FA, bem como há um afastamento maior face a face, proximidade e maior gesticulação nos FA.

No âmbito da comunicação verbal, incidimos no número de enunciados produzidos, na utilização de sons expressivos, nos enunciados de reforço positivo, negativo e de manipulação, nas funções da linguagem mais frequentes, nas particularidades da linguagem e nos temas observados pelos que apresentamos na tabela seguinte.

Tabela 9 – Comunicação verbal.

Comunicação verbal		Masculino		Total	Feminino		Total
		FA	FNA		FA	FNA	
Enunciados	Pequeno ou médio número de enunciados	04	07	11	04	08	12
	Geralmente pequenos e pouco completos, com algumas repetições	06	03	09	06	02	08
Sons expressivos	Fraco recurso	08	06	14	06	04	10
	Grande recurso	02	04	06	04	06	10
Reforço positivo	Algum recurso	08	02	10	08	03	11
	Grande recurso	02	08	10	02	07	09
Reforço negativo	Algum recurso	02	06	08	04	07	11
	Fraco recurso	08	04	12	06	03	09
Manipulação	Algum recurso	02	06	08	04	07	11
	Pouco recurso	08	04	12	06	03	09
Funções frequentes	Interrogativa e Imperativa	08	08	16	08	08	16
	Interrogativa e Informativa	02	02	04	02	02	04
Particularidades da linguagem	Uso de formas linguísticas consideradas “vulgares”.	08	08	16	04	05	09
	Uso de diminutivos	02	02	04	06	05	11

(continuação)

Temas	Aprendizagens da vida diária	08	06	14	06	08	14
	Aprendizagens recreativas e sociais	01	03	04	02	01	03
	Aprendizagens acadêmicas	01	01	02	02	01	03

Fonte: Pesquisa de Campo.

Comparando os filhos de pais alcoólicos com os de não alcoólicos, no que diz respeito à comunicação verbal, utilizam, na sua maioria, enunciados pequenos e pouco completos, com algumas repetições (FA). Em nível dos sons expressivos, os FA utilizam, na sua maioria, fraco recurso, enquanto os FNA, no sexo feminino, utilizam grande recurso.

Em relação ao reforço positivo, os FA utilizam, em grande parte, algum recurso; enquanto os FNA utilizam um grande recurso. O mesmo já não acontece no reforço negativo: os FA utilizam um fraco recurso e os FNA, algum recurso. Na manipulação, os filhos de não alcoólicos utilizam mais do que os FA. Nas funções frequentes, não se apresentam diferenças significativas, bem como nas particularidades da linguagem e nos temas.

Podemos concluir que, no nosso universo, existe alguma diferença na comunicação verbal dos FA e dos FNA, nomeadamente em nível dos enunciados, dos sons expressivos e em nível do reforço positivo. Os FNA apresentam maiores competências nessas três áreas.

Conclusões

Os resultados do nosso estudo estão em conformidade com as pesquisas realizadas sobre este tema, os resultados revelaram que filhos de alcoólicos apresentaram mais problemas emocionais e comportamentais, se comparados aos filhos de não alcoólicos (MORAES; PAYÁ, 2006; MYLANT et al., 2002). O mesmo já não se verifica em relação ao desenvolvimento cognitivo nas crianças, uma vez que, quanto ao domínio cognitivo avaliado no teste do desenho da figura humana, a maioria das crianças de ambos os grupos apresentou desempenho de acordo com o esperado para suas idades. Esses dados apontam que a maior parte das crianças participantes neste estudo apresentou capacidade cognitiva preservada.

Nos dois grupos, foram identificadas crianças com níveis intelectuais abaixo da média e em ambos a distribuição nos níveis inferior, médio e superior foi semelhante. Isso diverge do que foi encontrado por Sher (1991), que obteve resultados indicativos de que filhos de alcoólicos apresentavam déficit cognitivo.

As características das crianças filhas de alcoólicos, apresentadas neste estudo, confirmam dados de outras pesquisas, em que essas crianças são caracterizadas como tímidas, inseguras, retraídas, mostrando sinais de depressão, baixa autoestima e dificuldade de relacionamento (CORMILLOT, 1992; MORAES; PAYÁ, 2006; HALL; RAYMOND-E, 2002).

Quando comparados os grupos separadamente, segundo o gênero, as crianças do sexo feminino, filhas de alcoólicos, apresentaram mais sinais emocionais e problemas comportamentais que as meninas filhas de não alcoólicos. Segundo a percepção das mães, as meninas filhas de alcoólicos são agitadas, impacientes, brigentas, irritáveis, desobedientes e

agarradas à mãe. Nesse sentido, Krestan e Bepko (1995) afirmam que o gênero e a ordem de nascimento são aspectos que devem ser observados como fatores que afetam a forma de os filhos responderem a essa situação de estresse.

O desempenho cognitivo dentro da média, os comportamentos adequados de regulação fisiológica (sono, alimentação, digestão-eliminação), o bom desenvolvimento na área da linguagem e a não apresentação comportamento antissocial (não roubar, não falar mentira), avaliados na escala comportamental infantil, são algumas habilidades que as crianças desenvolveram, mesmo expostas à situação de risco (alcoolismo paterno). Essas habilidades podem protegê-las das consequências negativas desse ambiente, portanto, podem ser consideradas como fatores de proteção (RUTTER, 1987).

Por meio de uma análise qualitativa e da procura da relação entre o significado dos indicadores emocionais e as descrições comportamentais das crianças filhas de alcoólicos, pode-se inferir que as características psicológicas de timidez, retraimento e insegurança, possivelmente, contribuem para que essas crianças sejam agarradas às mães. Pode-se pensar na hipótese de que as mães não tenham tempo e disposição psicológica para atender às necessidades das crianças ou de que sejam superprotetoras, podendo, assim, estar moldando essa dependência e insegurança nos filhos. A dependência pode ser um fator dificultador para a aprendizagem das habilidades para o confronto de conflitos. Algumas pesquisas apontam que filhos de alcoólicos desenvolvem menos estratégias efetivas para lidar com situações de stress e absorvem modelos de negação, de afastamento e de evitação de conflitos (MORAES; PAYÁ, 2006; HALL; RAYMOND-E, 2002; SILVA, 2002).

Outro aspecto apontado pelas mães é a irritabilidade das crianças, revelando que estas apresentam baixa tolerância a frustrações, confirmando a sua dificuldade no confronto de conflitos; porém, para entender esses comportamentos, é necessário ter mais dados sobre o relacionamento familiar, o qual não foi abordado neste estudo.

De acordo com Sameroff (1990) e Rutter (1980), a combinação de múltiplas variáveis de risco interfere negativamente no desenvolvimento das crianças, potencializando os efeitos negativos. Esses pesquisadores encontraram algumas variáveis ambientais, atuando em conjunto na produção de risco, como histórico de doença mental dos pais (alcoolismo), baixa escolaridade, nível socioeconômico baixo e eventos de vida estressantes. Pode-se afirmar que esses estressores estão presentes nas famílias de alcoólicos (MORAES; PAYÁ, 2006; SILVA, 2002).

O alcoolismo é um fenômeno complexo e multifatorial, no qual estão presentes fatores sociais, familiares e culturais. Relacionar os prejuízos do desenvolvimento infantil somente ao alcoolismo paterno é uma análise simplista do alcoolismo e do desenvolvimento infantil, deixando de correlacionar as variáveis ambientais e individuais presentes nessa problemática.

Os dados desta pesquisa são limitados para generalização, sobretudo em função do pequeno número dos sujeitos dos grupos estudados. A avaliação dessas crianças focalizou somente três áreas (cognitiva, emocional e comportamental), o que limitou também o entendimento de algumas questões levantadas na análise.

Não obstante, não se pode negar que as características psicológicas das meninas desta amostra (timidez, autoestima baixa, insegurança, dificuldade de manter contato com os demais e os problemas de comportamentos percebidos pelas

mães, como: irritabilidade, impaciência, briguenta e desobediente, agarradas à mãe) podem predispor-las ao desenvolvimento da dependência química e/ou a estabelecer relacionamentos com companheiros alcoólicos, repetindo, assim, a história de suas mães, conforme aponta a literatura (KRESTAN; BEPKO, 1995; MYLANT et al., 2002). Dessa forma, podemos concluir que não observamos diferenças nos rapazes nas atividades lúdicas, enquanto nas meninas existem mais meninas FNA com gosto pelos jogos pedagógicos.

Verificamos que existem diferenças na comunicação não verbal; nomeadamente postura, contato físico, o qual é muito menor nos FA, bem como há um afastamento maior face a face, menos proximidade e maior gesticulação nos FA. Na comunicação verbal, existe alguma diferença dos FA e FNA, nomeadamente em nível dos enunciados, dos sons expressivos e em relação ao reforço positivo. Os FNA apresentam maiores competências nessas três áreas.

Por intermédio desta pesquisa, podem ser sugeridos alguns caminhos no tratamento e na prevenção da problemática do alcoolismo, como: inclusão dos filhos de alcoólicos no tratamento do alcoolismo; criação de programas direcionados para o desenvolvimento de competências dessas crianças, possibilitando ajudá-las a se proteger dos possíveis danos causados por esse ambiente estressante; orientação educacional para os pais, com o objetivo de auxiliá-los no cuidado de seus filhos e na organização de sua família; e terapia familiar.

Os estudos nesta área realçam os efeitos do alcoolismo parental no desenvolvimento mental infantil ou no funcionamento psicológico das crianças e traz uma grande contribuição para o entendimento e prevenção da psicopatologia infantil. Os pais são as principais referências para as crianças, são os

primeiros educadores. A forma como eles se relacionam com elas é fundamental para a saúde mental das mesmas, podendo, algumas formas de relacionamento, trazer sérios prejuízos para o desenvolvimento infantil (AJURIAGUERRA; MARCELLI, 1986).

Referências

AJURIAGUERRA, J. de; MARCELLI, D. Manual de Psicopatologia Infantil. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 454 p.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Manual de publicação da American Psychological Association. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: ARTMED, 2002. 329 p.

ANTHONY, G. et al. Double-blind tests of subliminal self-help audiotapes. Psychological science, v. 2, n. 2, mar. 1991.

BLACK, C. It will never hapen to mee. Colorado: MAC,1982.
CARMO, H.; FERREIRA, M. M. Metodologia da Investigação: guia para a auto-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta,1998.

CORMILLOT, A. Beber e no beber: Esa es la cuestión? Buenos Aires: Paidos, 1992.

CUIJPERS, P.; LANGENDOEN, Y.; BIJL, R. V. Psychiatric disorders in adult children of problema drinkers: prevalence, first ondet and comparison with other risk factors. Adiction, California, v. 94, n. 10, p.1489-1502, 1999.

DEUTSCH, C. Broken Bottles, Broken Dreams. New York: teachers College Press, Columbia University, 1982.

EDWARDS, G.; GROSS, M. M. Alcohol dependence: provisional description of a clinical syndrome. Br Med.J., v. 1, p. 1058-1061, 1976.

MORAES, E.; PAYA, R. Filhos de dependentes químicos com fatores de riscos bio-psicossociais: necessitam de um olhar especial? Revista de Psiquiatria Clínica, v. 31, n. 2, p.53-62, 2006.

GRAMINHA, S. S. V. Escala Comportamental Infantil Rutter A2. Estudos de adaptação e fidedignidade. Estudos Psicologia, v. 3, n. 11, p. 34-42, 1994.

HALL, C. W.; RAYMOND-E. W. Traumatic symptomatology, characteristics of adult factors, and stress among of adult children of alcoholics. Journal of Drug Education, v. 3, n.32, p.199-211, 2002.

HUTZ, C. S.; ANTONIAZZI, A. S. O desenvolvimento do desenho da figura Humana em crianças de 5 a 15 anos de idade: normas para avaliação. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 1, n. 8, p. 3, 1995.

JAFFE, J. The Concept of Dependence. Historical Reflections. Alcohol Health & Research World, v. 17, p.88-189, 1993.

KOPPITZ, E. M. Psychological evolution of children's human figure drawings. New York: Grune Stration, 1968.

KRESTAN, J. M. A.; BEPKO, C. M. S. W. Problemas de alcoolismo e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Org.). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 415-439.

MULDER, R. T. Alcoholism and personality. Australian and New Zealand Journal of psychiatry, Australian, v. 36, n.1, p. 44-50, 2002.

MORAES, E. et al. Conceitos Introdutórios de economia da saúde e o impacto social do abuso de álcool. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 28, n. 4, 2006.

MYLANT, M. et al. Adolescent children of lcoholics: vulnerable or resilient? *Journal of the American Psychiatric Nurses Association*, v. 8, n. 2, p. 57-64, 2002.

PEIXOTO, A. Dependências e outras violências. Ponta Delgada : Edições Macaronésia, 2010.

RUTTER, D. R, Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Orthopsychiatric Association*, v. 57, p. 316-331, 1987.

RUTTER, M. Changing youth in a changing society. Cambridge, M.A.: Harvard University Press, 1980.

SAMEROFF, A. Neo-environmental perspectives on developmental theory. In: HODOPP, R. M.; BURACK, J. A.; ZIGLER, E. *Issues in developmental approach to mental retardation*. New York: Cambridge, 1990. p. 93-111.

SHER, K. J. Characteristics of children of alcoholics: Putative risk factors, substance use and abuse, and psychopathology. *Journal of Abnormal Psychology*, v. 100, p. 427-448, 1991.

SILVA, M. R. S. Convivendo com o alcoolismo na família. In: ELSEN, I.; MARCONE, S. S.; SANTOS, M. R. *O viver em família e sua interface com a saúde e a doença*. Maringá: Eduem, 2002. p.140-160.